

Atividades de leitura em livros didáticos digitais (LDD) destinados ao ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa

Autora:

Shirlei Marly Alves

*Doutora em Letras/Linguística,
professora da Universidade
Estadual do Piauí, Teresina*

DOI: 10.58203/Licuri.20902

Como citar este capítulo:

ALVES, Shirlei Marly Alves. Atividades de leitura em livros didáticos digitais (LDD) destinados ao ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa. In: FEITOZA, Denise Magalhães Azevedo (Org.). **Pesquisas e saberes em Educação**. Campina Grande: Licuri, 2023, p. 166-175.

ISBN: 978-65-85562-08-9

Resumo

Na contemporaneidade, marcada pelo amplo acesso aos recursos da cibercultura, discutem-se mudanças nos modos de ler, em função dos novos suportes e dos recursos semióticos que se diversificam, sendo o hipertexto a intrínseca marca desse universo. A discussão envolve ainda o desafio à escola como agência de letramento, contexto no qual situamos esta pesquisa, cujo objeto é o livro didático de língua materna em formato digital. A questão que norteou a pesquisa foi a seguinte: como as obras didáticas em formato digital reconfiguram as estratégias e percursos de leitura e que perfil de leitor se estabelece nesses materiais? Procedeu-se então à pesquisa descritiva em quatro livros de duas grandes editoras brasileiras, buscando-se descrever o formato das obras e identificar sua arquitetura e as ferramentas de navegação que apresentam. Verificou-se que, embora se mantenham muitas características do formato impresso, a constituição dos LDDs incorpora as possibilidades do universo digital, configurando um hipertexto cujos links diversificados propiciam ao usuário experiências ampliadas de leitura nas quais palavras, sons, imagens, texturas e movimentos se interseccionam. Nesse sentido, no perfil de leitor previsto nos LDDs, destaca-se a habilidade de lidar com múltiplas semioses, intercambiando-as ou justapondo-as no processo de constituição dos sentidos dos textos.

Palavras-chave: Cultura digital. Livros didáticos. Perfil do leitor

INTRODUÇÃO

As novas tecnologias da informação e da comunicação (NTIC) proporcionaram uma grande diversidade das atividades humanas no universo virtual (internet), com uma série de mudanças nas formas de estar no mundo e de interagir. Como observa Kenski (2012, p. 23), “As NTIC, caracterizadas como midiáticas, são mais do que simples suportes. Elas interferem no nosso modo de pensar, sentir, agir, de nos relacionarmos socialmente e adquirirmos conhecimentos. Criam uma nova cultura e um novo modelo de sociedade”.

Para essas novas formas de ser e agir socialmente no universo virtual, Levy (1999, p.17) cunhou o neologismo *cibercultura*, com o qual define o “conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento de *ciberespaço*”.

Consequentemente, a escola, como agência de letramento, não pode desconsiderar as modificações que o mundo digital promove quanto aos modos de interagir com os textos, de lê-los e interpretá-los, pois se tem uma nova mídia, ou um conjunto delas, com todas as consequências que, necessariamente, se verificam quando se lê ou escreve em um novo e poderoso suporte, que comporta tantas semioses. Também aumenta a disponibilidade de recursos que possibilitam textos multimodais, arquitetados com palavras, sons, imagens, cores formas e outros elementos semióticos, reveladores de que não estamos diante dos mesmos padrões da textualização características dos suportes impressos.

Um dos recursos de leitura a que a escola, historicamente, tem recorrido é o livro didático, definido por Soares (1997 *apud* KENSKI, 2003, p. 245) como

uma difícil proposta pedagógica de um conteúdo correto e atualizado, selecionado do vasto campo de conhecimento em que se insere, por critérios rigorosos, para fins de formação escolar, apresentado sob forma didática adequada aos processos cognitivos próprios a esse conteúdo, e ainda própria à etapa de desenvolvimento em que se encontra o aluno, aos processos interativos que caracterizam a sala de aula e às circunstâncias sociais e culturais em que se insere a escola.

Destacando a dificuldade de se trabalhar com esses materiais no formato impresso, a autora enfatiza que maior ainda é o desafio para os professores usarem-no esse formato digital, visto que, para isso, são necessárias mudanças não apenas na apresentação de conteúdos e atividades, mas na própria concepção de aprendizagem e de aprendiz. Isso em razão das amplas possibilidades existentes no mundo digital, com as diversas ferramentas e recursos multimodais que propiciam imersão, interação, criação, o que pode propiciar maior protagonismo dos alunos em seus processos de compreensão de textos.

Esta pesquisa se situa nesse panorama de discussão sobre o modo de educar para e no mundo digital, focalizando os materiais didáticos com que a escola efetiva grande parte de suas práticas - os livros didáticos, mais especificamente os que são lançados pelas editoras em formato digital. O intento é buscar resposta para as seguintes questões-problema: Como as obras didáticas em formato digital reconfiguram as estratégias e percursos de leitura e que perfil de leitor se estabelece nesses materiais?

A relevância desta investigação está, primeiramente, no próprio objeto de pesquisa - os percursos de leitura e perfil do leitor em livros didáticos digitais - ainda pouco explorado em pesquisas acadêmicas, e ainda por possibilitar uma melhor compreensão do LD, cuja versão impressa já é parte inerente às atividades de ensino e aprendizagem, enquanto a versão digital, ainda pouco introduzida nesse universo, precisa ser explorada para ser mais bem aproveitada. No campo acadêmico, vislumbra-se que a pesquisa ampliará a literatura já existente sobre leitura, leitor em relação a concepções, estratégias e suportes de materiais.

Foram selecionados para pesquisa quatro livros didáticos digitais (LDD), de duas grandes editoras nacionais (FTD e Editora Moderna). Para recolha, organização e análise dos dados, usamos ficha previamente preparada conforme os objetivos específicos. Neste artigo, apresentamos parte dos resultados da investigação obtidos a partir da análise de dois livros didáticos digitais, respectivamente das editoras FTD e Moderna.

TEXTO, SUPORTES E LEITORES

Tratar de leitura em suporte digital requer que se adote uma concepção ampla sobre essa atividade, fundada “numa concepção também ampliada de texto, que abarca

não só os textos verbais, mas também outras formas sígnicas: imagens, sons, gestos, movimentos, enfim toda e qualquer semiose” (QUEIROZ, 2001, p. 162), como corroboram Xavier e Marcuschi (2010, p. 46):

[...] Ser letrado digital pressupõe assumir mudanças nos modos de ler e escrever os códigos e sinais verbais e não-verbais, como imagens e desenhos, se compararmos às formas de leitura e escrita feitas no livro, até porque o suporte sobre o qual estão os textos digitais é a tela, também digital.

Leitura como atividade engajada, estratégica, que vai além da simples decodificação, associada ao ler enquanto verbo transitivo, como salienta Magda Soares (2007), pois que se leem os diversos gêneros em diferentes suportes, com as demandas de compreensão que cada situação de leitura impõe ao leitor na construção dos sentidos: “O espaço do sentido não preexiste à leitura. É percorrendo-a, cartografando-a que nós o fabricamos” (LEVY, on-line).

No universo digital, destaca-se uma mudança na dinâmica da leitura, já que o hipertexto e seu dinamismo convocam o leitor a outros movimentos, que o levam de um texto ponto de partida para inúmeros outros, sem limites de chegada, pois, através de *links*, se abrem vias para novos textos, em diferentes formatos, numa ampla cadeia multissemiótica, ou hipertexto, “uma forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e acondiciona à sua superfície outras formas de textualidade.” (XAVIER, 2010, p. 208).

Assim, o sentido durante a leitura é deixado para o leitor, “que escolhe por onde navegar, geralmente a partir de imagens visuais, ícones que sugerem caminhos por onde se pode ir. Teoricamente não há um rumo certo, mas sim diversas virtualidades, sentidos que o leitor navegador poderá construir pela seleção sequencial dos links” (QUEIROZ, 2003, p. 162). Essa reorganização e funcionamento do texto digital permite ao leitor embaralhar, entrecruzar, reunir textos inscritos na mesma memória eletrônica. Assim todos esses traços indicam que “o fluxo sequencial do texto na tela no formato do livro eletrônico modifica não apenas o suporte material escrito, como também a forma de ler” (CHARTIER, 1999, p. 13).

Ganha então o leitor uma maior liberdade em relação ao objeto de leitura, desmaterializado na tela. Em razão da perda da antiga densidade do objeto de papel, ganha o leitor uma maior possibilidade de acessá-lo, como também destaca Xavier (2010), já que a natureza imaterial (do hipertexto) o torna ubíquo, com acesso de qualquer lugar, por qualquer pessoa, em qualquer tempo.

No aspecto estritamente físico, Chartier (1999, p. 16), observa que

A nova posição de leitura, entendida num sentido puramente físico e corporal, ou num sentido intelectual, é radicalmente original: ela junta, e de um modo que ainda se deveria estudar, técnicas, posturas, possibilidades que, na longa história de transmissão do escrito, permaneciam separadas.

Soares (2002, p. 150), nesse sentido, descreve as diferenças no movimento do olhar do leitor, guiado em parte pela mão que conduz o mouse ou o dedo que desliza sobre os telas *touch screen*:

O texto no papel é escrito e lido linearmente, seqüencialmente - da esquerda para a direita, de cima para baixo, uma página após a outra; o texto na tela - o hipertexto - é escrito e é lido de forma multilinear, multi-seqüencial, acionando-se *links* ou nós que vão trazendo telas numa multiplicidade de possibilidades, sem que haja uma ordem predefinida. (SOARES, 2002, p. 150).

Observam-se, pois, mudanças significativas na interação leitor-texto, pelas próprias características do suporte e pela natureza plural e dinâmica do hipertexto, o que é descrito por Levy (on-line) como uma “pequena revolução copernicana” produzida pela digitalização do texto: “não é mais o leitor que segue as instruções da leitura e se desloca no texto, mas é, de hoje em diante, um texto móvel, caleidoscópio que apresenta suas facetas, gira, torna e retorna à vontade diante do leitor”.

A LEITURA NOS LIVROS DIDÁTICOS DIGITAIS (LDD)

No site de uma das editoras que investigamos, lê-se o seguinte:

Os Livros Educacionais Digitais (ou simplesmente LEDs) são *versões dos livros impressos enriquecidas* com uma série de recursos interativos criados para tornar a experiência de aprendizado ainda mais dinâmica e interessante: são quizzes, imagens georreferenciadas, imagens tridimensionais, áudios, vídeos, jogos, simuladores, infográficos e muito mais!¹ (ênfase adicionada).

Chama-nos a atenção o trecho em destaque, visto que evidencia que o formato digital da obra mantém muito do impresso (uma versão deste), enriquecido com recursos possibilitados pelo suporte do computador. Não se trata, portanto, de uma simples digitalização do livro impresso, porém tem-se uma obra que emergiu de uma transformação daquele, em função do espaço de hospedagem. Pela caracterização feita, então os LDD enquadram-se na categoria de e-books, como explicam Bottentuit Junior e Coutinho (2007, p. 107):

Para ser considerado um e-book é preciso que sejam tidos em consideração alguns pontos importantes no que diz respeito ao aspecto estético, gráfico e organizacional, ou seja, o tipo de letra deve ser o mais adequado, a quantidade do texto deve ser mais distribuída entre as páginas, o uso de cores e os contrastes obedecem a critérios específicos, para além da possibilidade de utilização de recursos multimídia como sons, gráficos e vídeos e alguns deles até mesmo a interactividade através de exercícios, quizzes e jogos.

As características citadas por esses autores foram encontradas, numa primeira análise, nos livros selecionados para o estudo.

LDD 1 - 360° Gêneros em rede: leitura e produção de texto 1º ao 3º ano (Editora FTD)

O livro é disponibilizado em um aplicativo disponível ao leitor no site da editora (Figura 1). É necessário fazer o download e logar-se, para obter a instalação no desktop.

¹ Texto acessível em http://digital.ftd.com.br/logado/conteudo_detalhes.php?v1=7485. O usuário precisa estar logado com senha restrita aos que têm acesso ao livro em formato impresso.

A partir daí o acesso pode ser feito off-line. A própria capa do livro na estante funciona como um link gráfico interno, pois conduz para outra página ainda no aplicativo, onde se visualizam as várias unidades de estudo, as quais podem ser baixadas pelo usuário (download, Figura 1).



Figura 1. Prateleira virtual de livros (imagem esquerda) e Sumário do livro 360° (imagem direita). Fonte: <http://digital.ftd.com.br/>

Dependendo da velocidade da conexão, essa operação pode ser bastante lenta, colocando o usuário numa situação bem diferente daquela diante do livro físico, em que o simples passar de páginas o conduz aos diversos capítulos da obra. A rapidez com que a maioria dos navegadores conduz seus percursos pelos diversos *links* do hipertexto é contrariada nesse leitor digital, pois que o tempo de download ultrapassa os cinco minutos por unidade. Outra opção é clicar na própria capa do livro, com acesso mais imediato.

Na página seguinte, podem ser visualizados alguns links de navegação, no canto superior à esquerda: sumário, ferramentas de marcação, formato em página única e página dupla. Ao lado direito, a seta permite passar as páginas e acessar o interior das unidades (Figura 2).

Na página a seguir, identificamos um link para um vídeo, no ícone da mãozinha que possibilita ao leitor assistir a uma videoaula conduzida pela própria autora da obra didática, a qual desenvolve uma análise de gêneros textuais apoiadas no filme *O grande ditador*, de Charles Chaplin, no quadro *Guernica*, de Pablo Picasso, em uma escultura de Rodin, bem como em dicionários e outros gêneros.

O conjunto semiótico proporcionado pelo suporte digital, configurado para funcionar didaticamente, sem dúvida, enriquece as experiências do leitor, que pode ver

imagens em movimento, imagens estáticas, ver e ouvir os comentários, optando pela ordem que melhor lhe convier na conjunção com a página inicial.



Figura 2. Seção do livro 360º digital, com os links para navegação.

Fonte: <http://digital.ftd.com.br>

LDD 2: Moderna Plus: Produção de texto

O site da Editora Moderna, que exige a conexão para acesso, apresenta os livros digitais dispostos da seguinte forma (Figura 3).

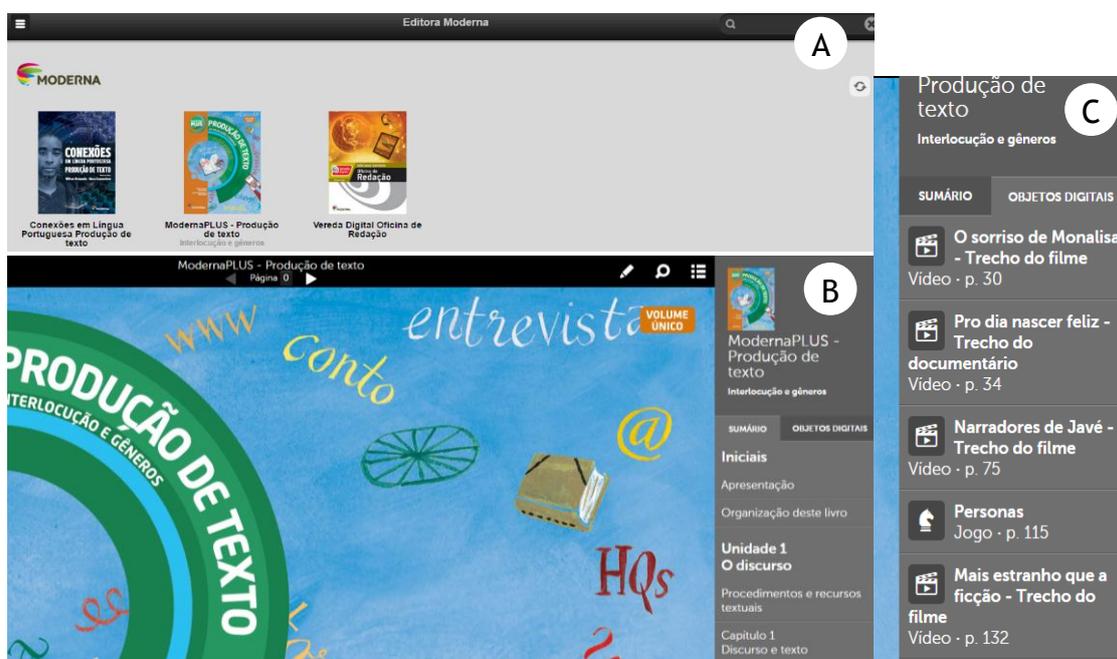


Figura 3. Prateleira de livros da Editora Moderna (A) e Sumário de texto (B) e vídeos (C) do livro Moderna Plus - Produção de texto (B). Fonte: <https://www.moderna.com.br/livro-digital>

Ao clicar na capa do livro (Figura 3B), passa-se à seguinte página, na qual os ícones revelam links de navegação interna vão guiar o percurso do leitor (Figura 4B). Ao clicar em Objetos Digitais, o usuário da obra tem acesso a uma diversificada experiência semiótica a qual inclui alguns filmes que podem, ou não, ser assistidos em ligação com as unidades da obra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises sobre os percursos de leitura nos livros didáticos digitais revelam a permanência dos recursos dos formatos impressos, acrescidos de outros - multimodais - possibilitados pela suporte informático.

Embora ainda não possamos avançar em considerações mais categóricas sobre as convocações feitas ao leitor-navegador, podemos, seguramente, afirmar que os movimentos de leitura, guiados pelos links hipertextuais, possibilitam-lhe o acesso a uma grande diversidade de textos (em diferentes formatos), adensados em torno de um tema, o que, sem dúvida, implicará em diferentes estratégias de interação e atribuição de sentidos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rubens Queiroz. O leitor-navegador(II). In: SILVA, Ezequiel Theodoro da. (coord.). *A leitura nos oceanos da internet*. São Paulo: Cortez, 2003. p. 33-38.

BOTTENTUIT JUNIOR, João Batista; COUTINHO, Clara Pereira. A Problemática dos EBooks: um contributo para o estado da arte. *Memórias da 6ª Conferência Ibero-americana em Sistemas, Cibernética e Informática (CISCI)*, Orlando, EUA, vol. 2. p.106-111, jul., 2007.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Ed. da UNESP, 1999.

HISSA, Débora. Uma proposta de classificação dos links hipertextuais a partir de critérios navegacionais e informacionais. In: RIBEIRO, Ana Elisa et al. (orgs.). *Linguagem, tecnologia e educação*. São Paulo: Peirópolis, 2010. p. 2014-213.

KENSKI, Vani Moreira. Ação Docente e Livro Didático nos Ambientes Digitais. In: ALVES, Lynn; NOVA, Cristiane. *Educação e Tecnologia: trilhando caminhos*. Salvador: Editora da UNEB, 2003, v.1. p. 225-235.

KENSKI, Vani. *Tecnologias e ensino presencial e a distância*. 9. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, PIERRE. **TECNOLOGIAS INTELCTUAIS E MODOS DE CONHECER: NÓS SOMOS O TEXTO. DISPONÍVEL EM [HTTP://WWW.CAOSMOSE.NET/PIERRELEVY/NOSSOMOS.HTML](http://www.caosmose.net/pierrelevy/NOSSOMOS.HTML). ACESSO EM: 23 ABR. 2019.**

MARCUSHI, L. A.; XAVIER, A. C. *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

QUEIROZ, Sônia. Poesias em imagens, sons e páginas virtuais. In: MARINHO, Marildes (org.). *Ler e navegar: espaços e percursos de leitura*. Campinas, SP: Associação Brasileira de Leitura (ABL), 2001. p. 161-190.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. Leitura no mundo virtual: alguns problemas. In: SILVA, Ezequiel Theodoro da (coord.). *A leitura nos oceanos da internet*. São Paulo: Cortez, 2003. p. 13-16.

SOARES, MAGDA. **NOVAS PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA: LETRAMENTO NA CIBERCULTURA. EDUC. SOC., CAMPINAS, VOL. 23, N. 81, P. 143-160, DEZ. 2002 143. DISPONÍVEL EM [HTTP://WWW.CEDES.UNICAMP.BR](http://www.cefes.unicamp.br). ACESSO EM: 23 ABR. 2019.**

SOARES, Magda. *Ler: verbo transitivo*. 2007. Disponível em <http://tudosobreleitura.blogspot.com.br/2011/07/ler-verbo-transitivo.html>

XAVIER, Antonio C. Leitura, texto e hipertexto. In: MARCUSHI, L. A.; XAVIER, A. C. *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010. p. 207- 236.